

Magistério, missão e santidade: a história de Madre Ninetta Jonata⁵⁴

(1887-1976)

Vivian Batista da Silva



MADRE NINETTA JONATA

agradece a homenagem das crianças da escola Santa Lúcia Filippini por
ocasião de seu aniversário em 1968.

Fonte: *Mestras Pias Filippini. 1908-1968*. São Paulo: Pró-Província Mater Divinae Gratiae, 1968.

A foto que inicia o presente artigo retrata alunos da Escola Santa Lúcia Filippini homenageando a Madre Ninetta Jonata, M.P.F., por ocasião de seu 81º aniversário, em 1968. Madre Geral das Mestras Pias Filippini, ela aparece à esquerda da foto, sorrindo e agradecendo as crianças. O material foi gentilmente disponibilizado pelas irmãs e integra o acervo das Mestras Pias Filippini, rico em imagens de Jonata, mestre e religiosa que marcou a história da congregação desde sua consolidação na cidade de São Paulo, na década de 1960. Percorrendo os documentos das Mestras Pias Filippini, temos nossos olhos voltados para as marcas através das quais elas constroem a história de sua Congregação, de sua escola, de suas atividades filantrópicas e evangelizadoras. Entre livros produzidos pelo Pontifício Instituto Mestras Pias Filippini, pela Província Mater Divinae Gratiae, pela Cúria Geral de Roma, pela Província Brasileira Mater Divinae Gratiae e pela Casa Geral das Mestras Pias Filippini, encontramos *Uma mulher de todos os tempos* – Madre Ninetta Jonata, M.P.F., escrito pela Irmã Maria da Conceição Alves de Almeida (1984); *História e teologia de um carisma*, de P. Pancrazio Recchia (1991); uma biografia d' *O Cardeal Marco Antonio Barbarigo* (figura central da origem da congregação, em Roma), escrita por Mafaldina Rocca (1989) e outras duas biografias. A mais antiga trata de Santa Lúcia Filippini e foi escrita pelo Monsenhor Carlos Salloti (1981); a outra é bem recente e tem por título *A mestra santa – Santa Lúcia Filippini*, de Valentino Tureta (2012). As narrativas compõem-se também do *Pequeno histórico do Pontifício Instituto das Mestras Pias Filippini no Brasil*, escrito pela Irmã Neusa Therezinha Fernandes Salgado (1987) que, com Aliette Fontana, também assinou o *Meio século da presença das Mestras Pias Filippini no Brasil – 1962/2012* (2012). A própria Madre Ninetta Jonata assinou as *Palavras de sabedoria*, publicadas postumamente, em 1977.

Essas são as lentes através das quais é possível notar o trabalho de evangelização dos pobres e escolarização de crianças, meninas sobretudo. São marcas que nos conduzem aqui a incluir Madre Ninetta Jonata no grupo de mulheres cujas histórias merecem ter mais visibilidade. Percorrendo as fontes, é possível identificar seus caminhos e iniciativas. Ela nasceu na cidade de Guglionesi, Itália, em 7 de novembro de 1887, viveu e atuou a maior

parte de sua vida em São Paulo, destacando-se pelos trabalhos apostólicos. Sua nacionalidade é considerada brasileira pelos católicos, já que passou a maior parte de sua vida na capital paulista e aí faleceu em setembro de 1976 na qualidade de Madre Geral das Mestras Pias Filippini. A sua atuação, inúmeras vezes reconhecida por autoridades católicas e do Estado, foi muito elogiada pelo seu empreendedorismo e entusiasmo na causa educacional, voltando-se sobretudo para o atendimento de pessoas que, pela sua condição de gênero - as meninas - ou pela sua origem social desfavorecida, costumaram ser alijados do direito à escola (GUALTIERI e LUGLI, 2012). Note-se que nem todas as congregações católicas femininas ocuparam-se das populações mais pobres. Inclusive, boa parte delas dedicou-se à educação de moças de classes mais abastadas (PEROSA, 2009). É nesse sentido que podemos destacar as especificidades do trabalho de Madre Ninetta na história do ensino em São Paulo.

O trabalho e a trajetória femininas já vêm mobilizando importantes investigações em história da educação, mas ainda é escassa a atenção para a biografia de mulheres que atuaram em congregações religiosas. Isso pode ser notado a partir de balanço sobre a produção francesa em história da educação e gênero (ROGERS, 2007). No Brasil, alguns estudos sobre a história de escolas protestantes e católicas vem se consolidando desde a década de 1990 e vem crescendo atualmente (HILSDORF, 2009; HILSDORF, 2002a; HILSDORF, 2002b; LEONARDI, 2010; CUSTÓDIO, 2014). A construção de biografias de mulheres religiosas e educadoras é profícuo e pode ser mais explorado. A vida da Madre Ninetta Jonata é representativa da ação de congregações religiosas, católicas no caso, que participaram da expansão das oportunidades escolares no Brasil desde o século XIX, em meio a disputas e iniciativas que convém conhecer mais. Ela é reconhecida na comunidade junto à qual atuou, como Madre Geral das Mestras Pias Filippini e missionária ainda hoje lembrada na região da Itaberaba, um dos bairros da cidade de São Paulo. O acervo das Mestras Pias Fillipini abriga livros, cartas e fotos sobre a Madre e os “lugares de memória” no convento, onde seu corpo foi enterrado, são marcantes.

São significativas as ações das congregações femininas nos conventos, hospitais, na invenção de casas e escolas. Destaque-se também as relações que essas mulheres, historicamente, estabelecem no interior de suas congregações e nas negociações que fazem com políticos e leigos no cumprimento de sua missão (ROGERS, 2007). E talvez as discussões sobre ensino e inovação sejam aqui ainda mais desafiadoras, pois elas cruzam as histórias pessoais com a história da própria instituição religiosa, marcada mais pela tradição do que pela mudança. E essa tendência pode ser comum a muitas religiosas, sejam elas francesas, americanas, inglesas, brasileiras ou italianas (LEONARDI, 2010). A própria situação de clausura e as experiências do convento marcam relações fortemente hierarquizadas, dirigindo a palavra e a vida de mulheres aí reunidas segundo formas de dominação muito fortes (ARMSTRONG, 2005). Não é possível ignorar aspectos que Leonardi (2010) bem assinala em seu estudo sobre outra congregação católica feminina paulista. Em suas palavras:

Olhar as congregações por dentro, mesmo que através de textos produzidos pelas irmãs e para elas mesmas, é adentrar em um mundo com sérias censuras. Enveredar pela forma como as freiras se compreendiam, como pensavam sua instituição, suas ações, e a reinventavam, é esbarrar constantemente em silêncios. (LEONARDI, 2010, p.41)

Adentrar o universo de religiosas como a Madre Ninetta Jonata, a partir de fontes compostas por imagens e narrativas produzidas pela própria Congregação exige reconhecer que esses materiais foram feitos para exaltar as iniciativas da instituição. Como afirmaria Le Goff (2003), correspondem a documentos/monumentos que edificam determinadas representações. Essas fontes conduzem a reconhecer as inevitáveis escolhas e seleções que envolvem a sua construção. Como diria Michel Pollak (1989), trata-se de notar que algumas experiências são valorizadas, outras não. Em “Memória, esquecimento, silêncio”, o autor parte das considerações de Maurice Halbwachs (2003) acerca dos modos como é estruturada a memória da coletividade a que pertencemos. Para ele, alguns exemplos desse esforço podem ser localizados em diferentes lugares:

o patrimônio arquitetônico e seu estilo, que nos acompanham por toda a nossa vida, as paisagens, as datas e personagens históricas de cuja importância somos incessantemente relembrados, as tradições, os costumes, certas regras de interação, o folclore e a música... (POLLAK, 1989, p. 3)

Pensando na trajetória da Madre Ninetta Jonata, que aqui nos interessa, podemos perguntar, a partir das fontes estudadas: Quais fatos são assim tornados importantes nas narrativas das Mestras Pias Fillipini? Qual o lugar da Madre nessa Congregação?

Magistério, Missão e Santidade: narrativas e imagens de Madre Ninetta Jonata, M.P.F.

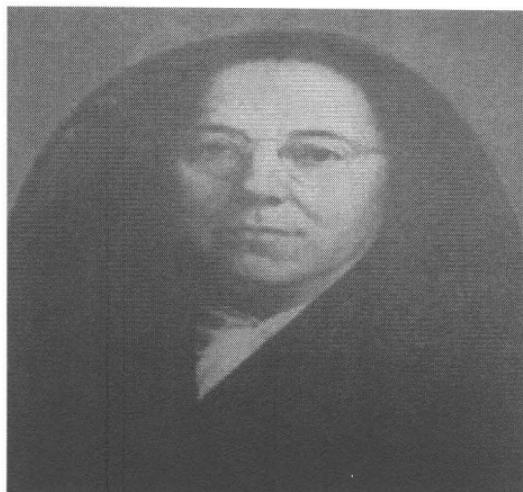
Todas as fontes consultadas sobre a vida de Madre Ninetta Jonata são públicas, iniciativas da Congregação e de outros órgãos da Igreja Católica. A própria Ninetta assinou uma delas, ao contar a vida de sua inspiradora, Santa Lúcia Filippini. As fontes reúnem narrativas e imagens sobre a história da Santa, da Madre, do convento e de sua escola. Constituem discursos especialmente importantes numa Congregação dedicada à evangelização porque, conforme assinala Hameline (1986), as questões educacionais exigem esforços, reflexões e falas permanentes. Além de sugerirem a ação, as narrativas e imagens localizadas de Jonata são elementos essenciais da Congregação que ela dirigiu e de seu pensamento pedagógico. Como explica Nóvoa (1996, p. 2):

As imagens fazem parte do mundo dos docentes. Elas constroem dispositivos de adesão (ou de rejeição) que configuram diferentes modelos profissionais. Elas são portadoras de projetos educativos, às vezes contraditórios, e funcionam como uma das linguagens privilegiadas para se dizer educador, para definir uma certa maneira de ser na profissão.

O presente artigo identifica fatos narrados sobre a vida da Madre e três imagens localizadas no conjunto das fontes estudadas. Uma delas é a foto com a qual iniciamos os escritos, na qual Ninetta é homenageada por alunos, num momento da vida em que já tinha consolidado importantes

obras de evangelização e filantrópicas. Este foi seu projeto de evangelização por meio da escolarização de crianças e ajuda aos pobres. Em São Paulo, durante meados do século XX, esse empreendimento voltou-se para as meninas e hoje em dia a escola Santa Lúcia Filippini reúne também meninos, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. As outras fotos, a serem analisadas um pouco mais adiante, retratam o semblante da Madre e de Santa Lúcia Fillipini, que já havia se dedicado à Congregação no século XVI. As várias dimensões expressas nessas imagens, muito representativas do que se encontra no *corpus* documental localizado, são tanto pessoais quanto coletivas. Elas compõem uma espécie de amálgama. A história da Congregação apresenta-se como a história da Madre Ninetta Jonata, que se coloca como uma extensão da história de Santa Lúcia Filippini. Como fios de uma corda que teceram as preocupações da Congregação e da Igreja Católica com a educação dos menos favorecidos, a história da Madre Ninetta Jonata misturou-se à história de Santa Lúcia Filippini, que “parecia reviver em Soror Ninetta Jonata” (Mestras Pias Filippini, 1968, p. 34).

IMAGEM 1: Madre Ninetta Jonata, M.P.F



Fonte: Salgado, Irmã Therezinha, M.P.F.; Fontana, Aliette. *Meio século da presença das Mestras Pias Filippini no Brasil – 1962/2012*. São Paulo, 2012.

IMAGEM 2: Santa Lúcia Fillipini, ilustração de Prof. G. Bizzotto.



Fonte: Turetta, Valentino. *A mestra santa – Santa Lúcia Filippini*. São Paulo: Casa Geral das Mestras Pias Filippini, 2012.

As fontes consultadas contam que Lúcia Filippini nasceu na Toscana em 1672. Muito religiosa, aos 12 anos de idade foi promovida a catequista na paróquia que frequentava. Pouco tempo depois ficou hospedada no Convento de Santa Clara e ali completou seus estudos. Quando tinha 20 anos, o Cardeal Barbarigo a colocou como responsável pela então fundada Escola de Doutrina Cristã, onde dedicou-se às atividades escolares, de catequese e promoção da mulher por meio de退iros e orientações. Também trabalhou na primeira escola para meninas carentes na Itália, ensinando trabalhos domésticos, a língua italiana, elementos de ciência de doutrina cristã. Juntamente com o Cardeal Barbarigo e depois de deixar o Mosteiro de Santa Clara, Lúcia

assumiu a direção do Instituto das Mestras Pias, que se perpetuou pelos séculos seguintes e chegou ao Brasil com a Madre Ninetta Jonata em 1962. Lúcia Filippini, hoje considerada Santa pela Igreja Católica, faleceu em 1732, após a fundação de 52 escolas.

A trajetória de Ninetta também é muito visível nas fontes. Segundo contam, a Madre revelava desde sua infância “muita vocação para o magistério”. Era dessa maneira que a edição comemorativa de seus 60 anos de vida religiosa, escrita pelas Mestras Pias Filippini (1968), começava sua homenagem. A família de Ninetta era da antiga nobreza italiana. Quando menina, ela fez o curso primário na escola de sua cidade, destacando-se por ser uma excelente aluna. “Muito religiosa e revelando profunda preocupação com os menos afortunados, sempre que podia enchia os grandes bolsos do vestido com alimentos que levava aos pobres” (*Mestras Pias Filippini*, 1968, p. 23). O exercício do magistério começou cedo, quando, aos doze anos de idade, ela ensinava aos meninos e às meninas pobres na Escola Dominical de sua cidade natal, ocupando o lugar confiado por sua ex-professora. Mesmo sabendo que esse não era o desejo de seus pais, Ninetta apresentou-se ao Pontifício Instituto das Mestras Pias Filippini no dia 7 de maio de 1907, com pouco menos de 20 anos de idade. Quando contaram a história de sua Madre Geral, as Mestras Pias Filippini lembraram que nesta exata data fazia dois séculos que Lúcia Filippini, com o apoio do Papa Clemente XI, inaugurava em Roma a primeira escola para jovens do povo.

Ao aproximarmos as ilustrações de Madre Ninetta Jonata e de Santa Lúcia Fillipini, é possível lembrar o lema do Instituto, que é “Ide e ensinai a Palavra de Deus”. Essa missão religiosa é ainda hoje claramente educacional e assistencial. Em edição comemorativa do Meio século da presença das Mestras Pias Filippini no Brasil (1962-2012), Irmã Therezinha Salgado, M.P.F. e Aliette Fontana (2012) assinalaram o esforço da evangelização nas escolas, trabalhos sociais e setor administrativo. Em carta às Irmãs datada de junho de 2012, Irmã Maria Moreira de Souza, M.P.F., então Superiora Vice-Provincial, lembrou que: “Milhares de alunos receberam a Educação Religiosa, Moral, Ética e Acadêmica, tornando-se grandes homens e mulheres imbuídos de valores para a vida”.

O *corpus* iconográfico concernente às Mestras Pias Fillipini em São Paulo, representado aqui através de três imagens expostas acima - primeiramente, a Madre Ninetta Jonata numa foto em que aparece sendo homenageada pelos alunos, em seguida, duas ilustrações retratando, respectivamente, a Madre Ninetta e Santa Lúcia Filippini - permite notar suas especificidades. A imagem de Ninetta aparece como uma extensão da imagem de Santa Lúcia Fillipini. Ambas são criadas em contextos bem definidos, afirmando a continuidade da presença da Santa, de sua vida de abnegação e cuidado com os pobres na pessoa de Madre Ninetta Jonata, da Congregação e sua escola. Esses discursos ora trazem imagens de semblantes de mulheres muito parecidas, em suas roupas e expressões, ora contam fatos de vidas voltadas ao sacerdócio. Assim, as imagens revestem não apenas a Madre como também toda a Congregação de um importante poder simbólico, de disseminação da fé católica através de ações de formação e filantropia. As ilustrações que contam a história da Madre, da Congregação e de seu ensino edificam um modelo de madre/professora pautado em fortes referências religiosas, das quais o magistério é herdeiro (NÓVOA, 1986). Elas conduzem a uma visão santificada da docência, que se mistura também à imagem maternal de Ninetta Jonata, muito visível na foto em que ela agradece a homenagem das crianças da Escola Santa Lúcia Filippini por ocasião de seu aniversário, em 1968.

Embora as imagens de Madre Ninetta retratem uma mulher de uma Congregação católica, algumas semelhanças podem ser destacadas com relação a outros retratos de professoras leigas durante os anos 1950 e 1960. Convém destacar a pesquisa feita por Paula Vicentini (2002) acerca de imagens e representações de professores na história da profissão docente no Brasil, produzidas entre 1933 e 1963. Entre as fontes desse estudo, estiveram jornais da grande imprensa paulista e carioca, bem como periódicos editados por entidades representativas de diferentes segmentos do professorado primário e secundário. Tal como explica a autora (VICENTINI, 2002), os materiais dessas publicações, especialmente por conta do Dia do Professor, retratam muitas vezes homenagens aos professores, destacando o retrato de seus rostos e o registro dos momentos em que eles recebiam flores, pergaminhos, medalhas ou aplausos. Em 1954, no jornal *Última Hora*, por exemplo, a

professora Eulina Nazareth teve sua foto publicada em matéria sobre a mais antiga mestra do Distrito Federal. De cabelos grisalhos e curtos, sem maquiagens ou enfeites, esboçando um leve sorriso, dona Eulina tinha uma expressão parecida com a da Madre Ninetta, ostentando um ar indicativo da docência, austero e contemplativo. Essa imagem é uma forte presença na história da profissão docente (NÓVOA, 1987; VICENTINI, 2002).

Tendo sido produzidas num contexto muito específico, as fontes sobre Ninetta retratam ainda o convento e a escola, espaços missionários, de evangelização e ensino. Curiosamente, nenhuma das imagens e narrativas identificadas retratam a sala de aula. Elas mostram momentos de comemoração, mas silenciam o cotidiano de alunos e docentes. Não foi possível localizar nenhuma referência à rotina do ano letivo, a possíveis delitos dos alunos, reclamações das professoras. Não se sabe nada a respeito dos métodos de ensino usados, não há retratos ou relatos de momentos informais e cotidianos. As fontes consultadas colocam entre parênteses os saberes, as subjetividades, as experiências da Madre Ninetta Jonata, do convento, das freiras e dos alunos. Criam uma ilusão de estabilidade e homogeneidade, enfatizando as articulações entre missão, sacerdócio e vocação.

Entre viagens e heranças: a circulação de Madre Ninetta Jonata, M.P.F.

Para além de dar visibilidade a práticas de educação de meninas, tanto aquelas que se integraram Mestras Pias Filippini, como aquelas que frequentaram os bancos das salas de aula organizadas pela Congregação, desde os anos 1960 até hoje, o olhar para a trajetória da Madre Ninetta Jonata, evidencia práticas de circulação a partir das quais os projetos da Congregação, cuja existência remonta aos séculos XV/XVI, puderam ser expandidos em diferentes espaços e tempos. E essa circulação traduziu-se nos esforços de evangelizar e expandir a ação das Mestras Pias Fillipini para outros espaços. Ninetta Jonata saiu de sua terra natal, cumprindo a jornada missionária que lhe foi confiada.

Ela integra um esforço comum a todas as Mestras Pias Filippini, que assim atuam nos dias de hoje em oito países de quatro continentes. Estão

presentes na Itália, no Brasil, nos Estados Unidos, na Inglaterra, na Etiópia, na Eritreia, na Índia e na Albânia. O primeiro esforço de expansão foi nos Estados Unidos, onde havia famílias italianas sem escolas e apoio católico. A missão foi assumida pela Madre Ninetta Jonata em 1910, quando ela e mais quatro Irmãs chegaram em Nova Jersey e encontraram um prédio em péssimas condições. Não obstante, em 3 semanas abriram a escola. Receberam 12 ou 13 alunos, a maior parte alunos mal vistos na escola pública pela má conduta. Resolveram então aceitar crianças de dois anos e meio para cima, abrindo um Jardim de Infância e um curso primário e mais de 130 meninos e meninas se matricularam. Esse foi o início de uma história marcada por dificuldades desencorajadoras, vencidas por “pacientes” e “diligentes esforços”. As escolas do Instituto multiplicam-se e em 1927 ele criou sua primeira Escola Normal. Em 1938, Madre Ninetta Jonata, M.P.F. foi nomeada Madre Provincial na América e, em 1954, ela foi eleita Superiora Geral da Ordem em Roma.

Em 1961, veio ao Brasil acompanhada de sua prima Irmã Caterina Jonata para abrir um Noviciado e uma escola. Procurou um bairro pobre de São Paulo e instalou-se na Itaberaba, numa pequena chácara que a Ordem adquiriu. Em 1962 deu-se a abertura do Noviciado. Em 1963, foi iniciada a construção “de um grande e moderno prédio para a instalação de um ginásio, colégio, escola normal e outros cursos escolares” (Mestras Pias Filippini, 1968, p. 49). Posteriormente, foi possível adquirir uma chácara maior, que hoje é sede do Instituto no Brasil, chamada de Parque Mater Divinae Gratiae das Mestras Pias Filippini. A partir de 1966, Madre Ninetta Jonata passou a residir definitivamente nessa sede. As atividades do Pontifício Instituto foram intensas e férteis, recaendo sobretudo no atendimento da população pobre: seis escolas em bairros próximos à Itaberaba, com Jardim de Infância, Pré-Primário e Primário, incluindo atividades religiosas, educativas e assistenciais. Muitas mães que trabalhavam durante o dia podiam deixar seus filhos aos cuidados das Irmãs. A Escola Santa Lúcia Filippini, na sede, constou de Escola Normal, Ginásio, Curso de Secretariado, de Contabilidade, Pré-Primário, Primário e Jardim da Infância. Ensinava costura e bordado para meninas, artes industriais para moços e moças, banda musical, arte dramática, coro

infantil, cinema educativo, clube de ciências, clube literário, clube de mães e clube de pais. Suas variadas atividades expandiram-se a outros bairros de São Paulo, como a Barra Funda, a outras cidades - Miracatu e Peruíbe - e a outros estados, como foi o caso da Bahia, Rondônia, Mato Grosso e Goiás. Obra profícua entre os diferentes esforços de organização e expansão das escolas em São Paulo e no Brasil, sobretudo em bairros pobres.

Em suma, olhar para a trajetória da Madre Ninetta Jonata, permite compreender algumas facetas de um trabalho apostólico marcado pela escolarização de meninas e pelo cuidado com os pobres, muitas vezes expurgados dos bancos escolares, desde que a escola se colocou como um projeto do Estado como um direito de todos os cidadãos, no século XIX. Em boa parte de sua história, Ninetta não representa apenas a Congregação das Irmãs Filippini, sua figura é representativa também dos professores, ligados a congregações religiosas ou não. Sua trajetória traz muitos elementos da própria constituição da profissão docente, cujas raízes estão em ordens religiosas e nas formas pelas quais ainda hoje as representações de professor aproxima-o de um celibatário. A biografia da Madre compõem-se pela celebração de sua vida e trabalho missionário. Por isso, a foto dos alunos parabenizando-a em seu aniversário, as imagens de seu semblante são tão sugestivas e as narrativas sobre sua vida convidam a uma reflexão sobre os modos pelos quais a docência tem sido construída em diferentes tempos e lugares.

Referências

- ARMSTRONG, Karen. *A escada espiral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- CUSTÓDIO, Maria Aparecida Corrêa. *A invenção do cotidiano feminino: formação e trajetória de uma congregação católica (1880-1909)*. São Paulo: Annablume, 2014.
- GUALTIERI, Regina; LUGLI, Rosario. *A escola e o fracasso escolar*. São Paulo: Cortez, 2012.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HAMELINE, Daniel. *L'éducation, ses images et son propos*. Paris: Éditions ESF, 1986.

HILSDORF, Maria Lúcia. Educadoras metodistas no século XX: uma abordagem do ponto de vista da história da educação. *Revista de Educação do COGEIME*, v. 2, n. 20, p. 93-98, jun./2002a.

HILSDORF, Maria Lúcia. *Revisitando a história das escolas protestantes americanas na província de São Paulo*. São Paulo: EDUSP, 2009.

HILSDORF, Maria Lúcia. *Tempos de escola: fontes para a presença feminina na educação escolar – São Paulo – século XIX*. Bragança Paulista: EDUSF, 2002b.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

LEONARDI, Paula. *Além dos espelhos: memórias, imagens e trabalhos de duas congregações católicas francesas em São Paulo*. Tese de Doutorado. São Paulo: Paulinas, 2010.

NÓVOA, António. *A imagem ao infinito: a lenta acomodação da profissão docente a uma identidade feminina*. Texto apresentado na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. nov./1996, mimeo.

NÓVOA, António. *Do mestre-escola ao professor do ensino primário – subsídios para a história da profissão docente em Portugal (séculos XVI-XX)*. Lisboa: ISEF, 1986.

NÓVOA, António. *Le temps des professeurs: analyse socio-historique de la profession enseignante au Portugal*. Lisboa: INC, 1987.

PEROSA, Graziela Serroni. *Escola e destinos femininos - São Paulo, 1950/1960*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

ROGERS, Rebecca. *L'éducation des filles : un siècle et demi d'historiographie. Histoire de l'éducation*. 115-116, 2007, p. 37-79.

VICENTINI, Paula. *Imagens e representações de professores na história da profissão docente no Brasil (1933-1963)*. São Paulo: FEUSP, 2002, tese de doutorado.

Fontes:

- ALMEIDA, Irmã Maria da Conceição Alves de. *Uma mulher de todos os tempos – Madre Ninetta Jonata*, M.P.F. São Paulo: Pontifício Instituto Mestras Pias Filippini, 1984.
- JONATA, Madre Ninetta. *Palavras de sabedoria*. São Paulo: Pontifício Instituto Mestras Pias Filippini, 1977.
- Mestras Pias Filippini. 1908-1968. São Paulo: Pró-Província Mater Divinae Gratiae, 1968.
- RECCCHIA, P. Pancrazio. *História e teologia de um carisma*. Roma/São Paulo: Cúria Geral/Mestras Pias Filippini, 1991.
- ROCCA, Mafaldina. *O Cardeal Marco Antonio Barbarigo*. Roma/São Paulo: Pontifício Instituto Mestras Pias Filippini, 1989.
- SALGADO, Ir. Neusa Therezinha Fernandes. *Pequeno histórico do Pontifício Instituto das Mestras Pias Filippini no Brasil*. São Paulo: Pontifício Instituto Mestras Pias Filippini, 1987.
- Salgado, Ir. Therezinha, M.P.F.; Fontana, Aliette. *Meio século da presença das Mestras Pias Filippini no Brasil – 1962/2012*. São Paulo, 2012.
- SALLOTTI, Mons. Carlos. *Santa Lúcia Filippini*. São Paulo: Província Brasileira Mater Divinae Gratiae, 1981.
- Turetta, Valentino. *A mestra santa – Santa Lúcia Filippini*. São Paulo: Casa Geral das Mestras Pias Filippini, 2012.